

4 Análise de *Regresso Adiado*

Sendo a literatura uma instância crítica de reflexão sobre a história, reinventa, ficcionalmente, a realidade e, assim, problematiza questões existentes nas sociedades.⁹²

A palavra é, por excelência, o grande agente da magia africana.⁹³

Manuel Rui, em *Regresso Adiado*, discute através de seus textos questões que assombram a realidade angolana. Pequenas práticas correntes, pinçadas do cotidiano e trazidas para a escrita literária, funcionam como universo central das suas narrativas. Margareth Cohen define o uso do cotidiano como um procedimento baseado em “um gênero que faz parte da experiência do dia-a-dia com mínimas pretensões estéticas transcendentais.”⁹⁴

Ao narrar os contos de *Regresso Adiado* de forma linear, com simplicidade lingüística, sem pretender inovações narrativas, o escritor focaliza o cotidiano que está presente na trama dos contos para dar a ver um painel das imensas crises geradas a partir do confronto da cultura europeia com a cultura africana.

Regresso Adiado confirma as idéias discutidas por Albert Memmi em *O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, onde Memmi apresenta a questão do colonizador como um exilado que vai para a colônia com o objetivo de mudar a sua situação econômico-social e também acaba por modificar-se, fato que Manuel Rui enfatiza no livro.

No conto *O aquário*, o autor personifica na personagem de Leonor o colonizador que se curva frente à beleza tanto do território angolano – “no fundo sem rejeitar sua Lisboa, adorava Luanda. Uma cidade em banho perpétuo, onde o sol como um falo de luz, roçava as esquinas como se fossem virilhas”⁹⁵ -, quanto a beleza rústica do homem, nativo da terra Angola – “observava-lhe as pernas,

⁹² SECCO, C. T. *A magia das letras africanas: ensaios escolhidos sobre as literaturas de Angola e Moçambique e alguns outros diálogos*, p. 78.

⁹³ HAMPÂTÉ-BÂ, A. *Palavra africana*. In: *O correio da UNESCO*, p. 17.

⁹⁴ COHEN, M. *A literatura panorâmica e a invenção dos gêneros cotidianos*, p. 260.

⁹⁵ RUI, M. *Regresso Adiado*, p. 48.

duas traves de ébano inserrável. A pujança das cochas. A firmeza dos joelhos. Mas a maior perfeição sempre a descobrira no tronco, no peito arrogante, duro”⁹⁶.

Em *Mulato de sangue azul*, há a caracterização do assimilado através do personagem de Luis Alvim que tenta se aproximar o máximo da cultura do outro, negando suas origens, sua cultura. Neste conto Manuel Rui traz à luz as idéias defendidas por Fanon em *Pele negra, máscara branca*, onde é feito um diagnóstico da alienação do colonizado dentro da sociedade dominada pelo colonizador.

Em tempo de guerra não se limpam armas o escritor explora o estado de ânimo de Ribeiro Vintesete. Este personagem sente um misto de medo, dúvida, desilusão resultante do tratamento cruel que recebe de uns brancos de Luanda. Neste conto há, também, a reflexão acerca da questão identitária, representada pela história de vida de Ribeiro Vintesete e pela explicação da origem de seu nome.

No todo, o livro de contos *Regresso Adiado* traça o diagnóstico da alienação do colonizado dentro da sociedade dominada pelo colonizador. Nos cinco contos que o compõem, Manuel Rui destaca o comportamento dos diversos grupos que coabitam em Angola: *o negro colonizado*, filho da terra; *o mestiço*, resultante da miscigenação do branco colonizador com o negro colonizado, e *o branco*, colono, que não foi poupado de uma mudança identitária. No decorrer desta análise, estes dados serão apontados de forma mais minuciosa.

4.1

A assimilação de Luis Alvim

Ao esforço obstinado do colonizado de superar o desprezo (merecido por seu atraso, sua fraqueza, sua alteridade, ele acaba por admitir), à sua submissão admirativa, à sua preocupação aplicada de se confundir com o colonizador, de se vestir e falar como ele, de se comportar como ele, até mesmo em seus tiques e em sua maneira de cortejar, o colonizador opõe um segundo desprezo: o escárnio. Ele declara, explica ao colonizado que estes esforços são inúteis, que ele só ganha com eles um traço complementar: o ridículo. Pois o colonizado jamais conseguirá identificar-se com ele, nem mesmo reproduzir corretamente o seu papel.⁹⁷

⁹⁶ RUI, M. *Regresso Adiado*, p. 49.

⁹⁷ MEMMI, A. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, p. 166.

Mulato de Sangue Azul, o primeiro conto do livro, nos apresenta Luis Alvim, um mestiço, filho de um funcionário da administração de Benguela com uma negra, o qual expõe sua “carapinha sem liberdade e brilhantina escorrendo”⁹⁸ e que acaba por ser assassinado. Xavier, seu único amigo, é o seu oposto: mulato que não abandonou as origens.

Neste conto, o processo de assimilação e alienação do negro angolano ganha destaque através do drama. A vontade de fazer parte do universo cultural do colonizador leva Luis Alvim a renegar suas origens sem medir as conseqüências. Ele mantém o cabelo alisado com brilhantina, recusa a comida tradicional, afasta-se de negros, mulatos e qualquer coisa que o ligue a Angola, renegando os hábitos e tradições do seu povo:

ele nunca se considerou um mulato benguelista de bravura, dançarino, brigão ou de pontapé na bola. Foi mesmo de evitar qualquer requebro no andar. [...] esqueceu cedo quatro irmãos, mulatos benguelistas de pureza, e três irmãs prostitutas em cujos seios, fartos como mamões, repousaram todas as cabeças dos brancos importantes da época.⁹⁹

Luis Alvim busca, ao longo da narrativa, estabelecer um elo com a duvidosa linhagem nobre, de sangue azul, do seu pai português. Começando pelo nome, que ele fazia questão de fazer figurar nos registros, ele deixa de pertencer a qualquer grupo social que porventura possa identificá-lo como negro ou como mulato. Por esta razão, na ocasião da chegada do Doutor Costa Alvim, médico de origem humilde que chega a Angola com o objetivo de “fazer um pé de meia” que lhe permita “regressar a metrópole para depois tirar uma especialidade no estrangeiro”¹⁰⁰, Luís Alvim sem saber das reais circunstâncias da vinda do médico, busca identifica-lo como parente e com isso provar a todos em Luanda que sua origem era nobre, importante.

O personagem “Doutor Costa Alvim” possui uma dupla representação: se por um lado ele poderia ser a prova da *supremacia racial* de Luís Alvim, por se tratar de um médico branco vindo da capital portuguesa, por outro lado ele representa a origem humilde da família Alvim, ou seja, sua própria condição de cidadão oriundo de uma classe social mais baixa, uma vez que o médico vai para Angola em busca de dinheiro que possibilite continuar seus estudos no

⁹⁸ RUI, M. *Regresso Adiado*, p. 25.

⁹⁹ RUI, M. *Regresso Adiado*, p. 28.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 39

estrangeiro, não sendo, pois, de família rica. Quando Luís Alvim fica ciente deste fato, ele se entristece, e passa a procurar desculpas para o ocorrido, mas sempre enfatizando a sua boa origem.

Apesar da dificuldade de se inserir no mundo do colonizador português, Luis Alvim tenta provar ser oriundo de família nobre e, por essa razão, tenta assimilar os modos, trejeitos e costumes do branco colonizador, além de enfatizar sua descendência nobre – *o sangue azul herdado do pai*:

Luis de Sampaio de Costa Alvim, de seu nome completo como conta dos cardápios, sempre se julgara um homem superior entre os outros colonos. Era nobre de sangue. De brasão e bengala encastoadada que empunhava sob o zinco da varanda colonial.¹⁰¹

Em nome desse desejo de pertencimento ao grupo do colonizador, Luis Alvim, além de vestir-se como um português, pronunciar a língua do colonizador, sem “articular uma palavra em quimbundo”¹⁰², cercava-se de objetos que comprovassem a sua origem nobre, como, por exemplo, a bengala encastoadada, o brasão da família e “o relógio de bolso preso por corrente de ouro!”¹⁰³ Ao ser perguntado por sua mãe, renega-a, respondendo que era “de sangue azul e não” podia nem devia se “ligar a essa gente... compreende...”¹⁰⁴

Essa recusa às origens se dá também em sua afetividade: ele se corresponde com uma moça branca da metrópole. Alvim deixa claro ao amigo Xavier “que nunca teve nem terá nada com patricias, raparigas de cor”.¹⁰⁵

Em nome de suas qualidades de funcionário cumpridor de seus deveres, de pessoa culta e educada, foi convidado pelo senhor administrador para contar “a essa gente a verdade”, a verdade do colonizador que Alvim tentava a todo custo se encaixar.

E foi assim que o mulato de sangue azul, desconhecido até então, passou a botar discurso ambulante, boquiabrindo povoações, senzalas e quimbos. Explicando, sempre com eloquência, uma maneira do como e porque dos factos. Dizendo da gajada que andava, com armas espera-pouco, incomodando populações de bem que transitavam nas estradas ou viviam no Norte.

Luis Alvim.

Locutor da voz da verdade.

¹⁰¹ Ibid., p. 26.

¹⁰² Ibid., p. 32.

¹⁰³ Ibid., p. 33.

¹⁰⁴ RUI, M. *Regresso Adiado*, p. 33.

¹⁰⁵ Ibid., p. 34.

Mulato de sangue azul.¹⁰⁶

Neste conto, assim como nos demais que compõem o livro *Regresso Adiado*, Manuel Rui buscou tratar de temas ligados à problemática da colonização, ou seja, todos os processos sociológicos que cercam o assunto.

Em *Mulato de sangue azul*, as questões relacionadas ao processo de assimilação, tanto pela ótica do colonizado quanto pela do colonizador, merecem uma abordagem e tratamento pitoresco por parte do autor. Voltando à visão de Memmi, a assimilação é tida pelo colonizado como saída para sua condição de inferioridade. Luis Alvim irá buscar nos ícones brancos pontos de representação de sua não-negritude, mantendo-o fora do grupo dos excluídos pelo sistema colonial. O riso, provocado pela comicidade das situações vivenciadas na narrativa, deve ser lido como elemento de resistência aos poderes opressivos da colonização.

Manuel Rui lança mão da ironia para mostrar que a assimilação é uma dolorosa consequência do processo de colonização, que resulta no abandono das tradições, na amnésia cultural, na destruição do indivíduo. Com sua morte, o fato de ninguém ter sentido sua falta, com exceção do amigo Xavier, vem demonstrar o quanto eram descartáveis todo e qualquer colonizado.

Dentro do caixão improvisado, o cabelo de Alvim não estava como dantes. Quando acharam o corpo, dizem, o mulato estava nu, com a cabeça manchada de sangue. Vestiram-lhe um camuflado e lavaram-lhe a cabeça, penteando o cabelo para trás, desbrilhantinado. Amarrafaram a cara de Alvim. Aquele não era seu amigo de risco ao lado do cabelo de onda miúda. Pentearam mal o cabelo de Alvim.¹⁰⁷

O cabelo alisado com brilhantina, sem liberdade, é uma das marcas da negação de Alvim às suas origens, à sua tradição. O cabelo em desalinho, o corpo nu, o sangue no ferimento servem como desmonte da farsa que envolve qualquer processo de aceitação dos colonizados. Morto, Luis é livre. “Na tarefa de conciliar o inconciliável”¹⁰⁸, negando o sangue, herança da mãe biológica, suas origens, seu passado, ele acaba por negar sua verdadeira nacionalidade.

¹⁰⁶ Ibid., p. 42.

¹⁰⁷ RUI, M. *Regresso Adiado*, p. 43.

¹⁰⁸ Ibid.,

Mulato de sangue azul que morrera no seu posto. Na tarefa de conciliar o inconciliável. De vaziar o sangue da mãe, negra de Benguela, sabedora de histórias carnavais antigas do tempo em que o povo sem conta saía nos barcos para o mundo. De sobressair o sangue de seu pai da indelével mistura com o sangue que a mãe herdara de gente escrava.¹⁰⁹

No prefácio escrito por Manuel Ferreira para a edição de 1973, o crítico literário destaca a ironia como um organizador do discurso e define *Regresso Adiado* como sendo “uma grande e dolorosa comédia”,¹¹⁰ onde a integração escritor-leitor-texto surge gerando reflexão. Manuel Rui cria, na verdade, uma alegoria cômica ao contar a história de um mestiço. Nem branco, nem negro. A utopia de ser branco e de origem nobre era o que movia Luis. Morto, imóvel, a realidade dos fatos fala mais que qualquer discurso de superioridade defendido por ele. Sabe-se que as potências europeias ao se apossarem do Continente Africano não olharam para o aspecto étnico-cultural dos povos, mas para a extensão geográfica das terras e o que isso poderia lhes render. De modo que a identidade do colonizado jamais será homogênea, por causa exatamente das várias contribuições que ocorrem no decorrer do processo colonizador e mesmo posterior a ele. O riso se mescla ao drama e à tragédia neste texto de Manuel Rui, que oferece uma reflexão séria sobre as questões que envolvem o racismo nas sociedades vítimas do processo colonizador, nas quais a voz do opressor cala a do oprimido, oferecendo a estes um estreito espaço para sua existência. No caso específico de Luis Alvim, o estreito espaço estava contido num sobrenome e no cabelo carapinha camuflado pela brilhantina e pela possibilidade de circular no meio branco da sociedade local. Sua necessidade de auto-afirmar a todo instante suas características brancas e sua condição de nobreza repousava justamente no fato de ser um mestiço em uma terra negra, dominada por uma minoria branca.

Manuel Rui não inova na narrativa. Sem grandes malabarismos lingüísticos o autor consegue passar sua visão crítica do colonizador e do colonizado, tecendo sua crítica ao sistema de desculturação a que estava submetido o povo angolano. A desvalorização da cultura do colonizado é patente, não deixando dúvida sobre a opressão cultural imposta por Portugal. O processo de alienação cultural a que estavam submetidos os habitantes de Angola cai na pele do personagem Luis

¹⁰⁹ Ibid.

¹¹⁰ Ibid., p. 9.

Alvim, em sua patética busca pela aceitação. Mestiço, Luis Alvim é rejeitado tanto no mundo dos brancos quanto no mundo dos negros.

4.2

O aquário: contrastes culturais, raciais e sociais

A dominação colonial, por ser total e simplificadora, logo deslocou, de modo notável, a existência cultural do povo subjugado. A negação da realidade nacional, as relações jurídicas novas introduzidas pela potência ocupante, o afastamento para a periferia, pela sociedade colonial, dos indígenas e seus costumes, a expropriação, a sujeição sistematizada dos homens e mulheres tornam possível essa obliteração cultural.¹¹¹

No segundo conto do livro, *O aquário*, Manuel Rui retrata uma mulher proveniente da metrópole, superior, branca, casada, ociosa, que se encanta com o apelo sexual do corpo negro do criado.

A personagem de Leonor é o retrato do colonizador que sucumbe aos encantos da terra africana, “[...] sem rejeitar a sua Lisboa, adorava Luanda.”¹¹². O criado negro, másculo e potente torna-se objeto de desejo da patroa. Este quadro, concebido por Manuel Rui, traça um paralelo com a sedução que o território angolano despertava no colonizador português.

Era um rapagão que esplendorava um passado heróico das bandas do sul, uma ascendência de pastores destemidos, num manancial de carne e leite. [...] Leonor observava-lha as pernas, duas traves de ébano inserrável. A pujança das coxas. A firmeza dos joelhos. Mas a maior perfeição sempre a descobria no tronco, no peito arrogante, duro.

Manuel Rui não nos deixa esquecer que o motivo para Leonor e o marido, representantes coloniais, estarem em Luanda é econômico. Na colônia, eles poderiam satisfazer as suas ambições com negócios lucrativos realizados pelo marido:

Desta vez Leonor estava atenta. Era um negócio de grande monta e do êxito bem podia resultar a concretização de seu maior sonho- um barco. Seguia todos os pormenores, sulcando em ambição, vaidosa, mas fingindo simplicidade, com os cabelos ao vento, as água serenas da baía. Numa tara de barco. Vestindo um biquíni

¹¹¹FANON, F. *Os condenados da terra*, p. 271.

¹¹²RUI, M. *Regresso Adiado*, p. 48.

azul-metálico que vira numa boutique da baixa. E os óculos de sol do mesmo manequim, grandes –espaciais. E a pele reluzente sob o bronzeador japonês.¹¹³

Talvez este sonho de Leonor nunca fosse concretizado se ela estivesse na metrópole. As facilidades econômicas propiciadas pela colônia eram grandes e a ascensão social, por menor que fosse, era certa. Memmi nos lembra sobre estas facilidades:

Esponaneamente, melhor do que os técnicos da linguagem, nosso viajante nos proporá a melhor definição que existe da colônia: lá ganha-se mais e gasta-se menos. Vai-se para a colônia porque as situações são asseguradas, os tratamentos elevados, as carreiras mais rápidas e os negócios mais frutuosos. Para o jovem diplomado ofereceu-se um posto, para o funcionário uma promoção, para o comerciante reduções substanciais de impostos, para o industrial matéria-prima e mão-de-obra a preços insólitos.¹¹⁴

Por outro lado, a vida na colônia não era fácil, principalmente para as esposas que acompanhavam seus maridos. Leonor vivia o ócio, ficava sozinha e não tinha ninguém para conversar, não possuía nem telefone. Sua distração era beber uísque, acompanhar o giro monótono das hélices do ventilador e admirar os peixes do aquário, representantes da diferença, peixes pretos e vermelhos dividindo o mesmo espaço, porém separados, “de um lado os peixes vermelhos. Do outro os pretos.”¹¹⁵

O aquário também era palco de uma batalha em que os peixes brigavam por um pedaço de miolo de pão, representando a luta pelo sustento. Neste espaço metafórico criado por Manuel Rui, havia também a presença do peixe maior “que, estático, só mexia a boca. Associou o globo ocular do peixe aos olhos de um morto. O sincopar da boca a suspiros de um moribundo”.¹¹⁶

Essa visão do peixe moribundo a perturbou, pois o retrato aqui apresentado do peixe maior no aquário traça uma ponte com a figura moribunda do colonizador, sempre a espreitar, controlar, censurar como em um sistema fascista. Ou ainda a previsão de nosso escritor do fim do jugo colonial em Angola, onde o peixe maior representaria o dominador português já sem fôlego para continuar na guerra pela dominação.

¹¹³ RUI, M. *Regresso Adiado*, p.51

¹¹⁴ MEMMI, A. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, p. 38.

¹¹⁵ RUI, M, op. cit., p. 47.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 57.

Um aquário é também um mundo em miniatura, onde se jogam relações entre iguais e diferentes, novos e velhos, e onde se geram preconceitos e idéias feitas. A figura deste objeto descrito por Manuel Rui ajuda a compreender situações e personagens, sem deixar de construir um cenário onírico e ao mesmo tempo sedutor. O clima de sedução é constante. Não só a sedução exercida pelo corpo do empregado negro, mas a ambientação que é passada pelo narrador ao descrever o cenário no qual Leonor observa solitária o mundo estreito à sua volta. Um aquário dentro de um outro aquário.

Toda essa ociosidade e solidão de Leonor, aliados ao imenso calor que “transbordava pelos poros”¹¹⁷, são fatos que, aliados à uma sensualidade despertada por Jaime e ao poder dominador exercido pelo colonizador que tudo podia, bastando desejar, fazem com que a protagonista imagine “o corpo do negro sobre o banho”¹¹⁸, atraindo-a, excitando-a, fazendo com que ela imagine tudo que poderia acontecer.

Ao mandar que o criado vá tomar banho, que utilize a casa de banho dos patrões e que se lave bem “com sabonete”¹¹⁹, Leonor, por um momento, o insere nos seus costumes, mas toma providências para que ele não traga o cheiro de sua negritude ou pelo fato de banhar-se com sabonete diminuísse a tonalidade negra de sua pele. Ela subjuga-o, ele se transforma num objeto para seu deleite, que, por não ter poder de decisão, obedece. Observemos que, em se tratando de um universo em miniatura, representado pelo aquário, Manuel Rui diminui as proporções da relação de brancos versus negros num sistema colonial. Toda uma série de abusos é cometida de forma impune. Esta denúncia soma-se à visão distorcida do colonizador. Para ele, tudo e todos estavam à disposição de sua exploração. Jaime é como um objeto. Para Memmi, o negro sob o domínio do colonizador “de nenhuma maneira é sujeito da história; é claro que sofre o peso dela, com freqüência mais cruelmente do que os outros, mas sempre como objeto”.¹²⁰

Após Leonor ter usado o objeto de seu desejo, foi necessário descartá-lo, pois a sua transgressão estava prestes a ser descoberta. O marido, ao descobrir a

¹¹⁷ RUI, M. *Retorno Adiado*, p. 55.

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 56.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 64.

¹²⁰ MEMMI, A. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, p. 134.

traição, apesar de ter notado a fragilidade da versão apresentada pela mulher, tratou de tomar providências, eliminando a parte mais fraca: o negro.

Como afirma Memmi, se o colonizador “pode se beneficiar de uma mão-de-obra, de uma criadagem numerosa e pouco exigente, é porque o colonizado é explorável à vontade e não é protegido pelas leis da colônia”¹²¹. Essa exploração é levada às últimas conseqüências na casa de Leonor, que, de forma impune e sem remorsos, entrega Jaime à própria sorte, preocupando-se, somente, em apagar os vestígios de seu deslize:

Leonor viu a carrinha partir e logo que esta se afastou foi à casa de banho. Lavou a banheira, recolhendo um por um os cabelos que o negro deixara, atirou o lençol de banho para o cesto da roupa suja, após o que, no quarto, retirou os lençóis da cama fazendo-a de lavado. Despiu a bata e frente ao espelho, completamente nua, contemplou-se e aspergiu-se de água-de-colônia. Estava tudo limpo.¹²²

Embora ela acredite na *limpeza* de suas ações e na *superioridade* de seus atos, a quebra súbita do aquário revela que, de algum modo, não há espaço para um mundo de segregação, embora na visão hegemônica da classe dominante isto pudesse ainda parecer improvável.

4.3 Meu nome é Ribeiro Vintese

Mas a revolta é a única saída para a situação colonial que não representa uma ilusão, e o colonizado descobre isso cedo ou tarde. Sua condição é absoluta e exige uma solução absoluta, uma ruptura e não um compromisso. Ele foi arrancado de seu passado e bloqueado em seu futuro, suas tradições agonizam e ele perde a esperança de adquirir uma nova cultura, não tem língua, bandeira, técnica, existência nacional ou internacional, direitos ou deveres: não possui nada, não é mais nada e não espera mais nada.¹²³

Através da escrita, Manuel Rui põe em relevo as diferenças humanas realçadas na ótica do colonialismo, pondo em cena o violentador e o violentado, o colonizador e o colonizado, o branco e o negro que acabam se confundindo entre si, pois, como o próprio escritor afirma, as mudanças ocorrem nos dois lados.

¹²¹ MEMMI, A. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, p. 41.

¹²² RUI, M. *Retorno Adiado*, p. 66.

¹²³ MEMMI, A., op. cit., p. 169.

No conto “Em tempo de guerra não se limpam armas”, o personagem central é Ribeiro Vintesete, um cozinheiro que também é vítima da violência colonial. Apesar de ter sua identidade roubada, ele não tem o desejo de integrar o universo do colonizador e nem de ser igual a ele, diferentemente de Luis Alvim, personagem de “Mulato de sangue azul”. Ribeiro Vintesete sabe qual é o seu lugar e por isto se preocupa em seguir as leis impostas pela sociedade colonial, tentando se adaptar às situações que lhe são apresentadas.

Ribeiro Vintesete trabalha para a família de um médico. Após um dia de trabalho, ele vai encontrar o amigo Mateus, mas no meio do caminho ele pára para fazer suas necessidades e é apanhado pela milícia que quase o mata, por estar infringindo uma “lei” que proibia os negros de “arriar ali as calças no bairro dos brancos”. Ele escapa da morte cantando o hino nacional português, mas, como está sem documentos, ele é preso. Na cadeia, passa a noite refletindo sobre o tratamento violento e desumano que recebeu, remoendo toda decepção com o patrão, que não tomou nenhuma providencia para ajudá-lo.

Através da narração em terceira pessoa e a partir do relato de acontecimentos do presente e do passado da vida de Vintesete, o leitor toma conhecimento da violência que está presente em toda a sua vida. Ela acontece desde o dia em que foi capturado, ainda jovem, e obrigado a servir ao exército português, até o momento de sua prisão.

O comportamento de Vintesete mostra um dos lados da alienação causado pelo choque de culturas experimentado na sociedade colonial: a dificuldade de adaptação à nova cultura. Manuel Rui exemplifica essa dificuldade através do relato do esforço de Vintesete para aprender o hino de Portugal:

Os cachações que levou até acertar o passo, o ombro arma e o canto do Hino Nacional sem voltar ao princípio. No Hino engatava sempre “entre as brumas”. Fazia bem o introíto sem palavras, entrava firme nos heróis, mas das brumas para a frente a palavra difícil como egrégios (ainda por cima ensinada em açoirês), e Vintesete patinava vezes sem números a corresponder a outras tantas porradas até empinar o Hino de forma a não mais o esquecer¹²⁴.

O nome marca a identidade e, apesar de Vintesete e seu amigo Mateus terem nomes de origem africana, estes foram apagados de suas memórias. Os novos nomes que lhes foram dados pelo colonizador representam a marca identitária que

¹²⁴ RUI, M. *Regresso Adiado*, p. 101.

eles teriam que assumir no convívio com o colonizador. Manuel Rui, de forma sarcástica, denuncia esse apagamento e o conseqüente desdém do colonizador frente à identidade do colonizado,

Fulano a pensar que Vintesete e Mateus antes não tinham nome, incorre em gravíssimo erro histórico de quem não sabe que tinham sim, mas que eram nomes boçais, nomes de pretos, sem música, sem número, sem Ribeiro ou versículo bíblico em Mateus trinta e tal.¹²⁵

Na prisão, Vintesete traz à luz reflexões acerca de sua vida que resultam em uma total auto-desvalorização, assumindo o seu “complexo de inferioridade”¹²⁶:

Não estava certo era abrirem fogo à totalmente. Insultarem um homem. Um preto mais um homem. Como dizia o sargento Ribeiro, tinha coração, olhos, boca, distinguia as coisas; não era um bicho! Lá que o tratassem por tu, ó rapaz (ele com idade pra pai do Castro) estava bem, um preto é um preto. Mas filho desta filha daquela, pontapé no rabo como a um cão?¹²⁷

Vintesete claramente demonstra a sua dependência, auto-desvalorização e desamparo quando está preso. Ele tinha esperança de que o seu patrão, aquele a quem ele serviu por anos, tomasse uma atitude e o tirasse da cadeia, porém, o médico se limita a certificar-se que Vintesete não faltaria ao trabalho quando fosse solto:

O cozinheiro a confiar piamente na proteção do médico, inclusive a convencer-se de que se o doutor viesse à cena, imediatamente poria e disporia ralhando com aqueles brancos de meia-tigela. Esta esperança agigantou-se no momento em que o Castro indagou:

-És Ribeiro Vintesete, criado do senhor doutor?

-Sim senhor, patrão. Ribeiro Vintesete do doutor Carlos Ferreira.

[...]- o cozinheiro é nosso, mas o senhor doutor manda dizer que agora está muito ocupado, não pode atender. De qualquer forma, o rapaz tem de estar cá amanhã para o almoço. Percebe?¹²⁸

No trecho acima, fica claro que o colonizado necessita do reconhecimento do colonizador para ser alguém, para ter uma identidade. Ao nome que lhe foi dado pelo colonizador, Ribeiro Vintesete acrescenta o “do doutor Carlos Ferreira”, como se fosse um complemento do seu sobrenome, fato que

¹²⁵ RUI, M. *Regresso Adiado*, p. 105.

¹²⁶ Em *Pele negra, máscaras brancas*, Frantz Fanon discute este complexo de inferioridade.

¹²⁷ RUI, M., op. cit., p. 117.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 121.

confirmaria a sua identidade. Assim, essa atitude somente reafirma a situação dele como sendo somente um número, ou uma coisa que o doutor Carlos Ferreira possui.

Após passar uma noite prisão e após a grande decepção de não ser ajudado por quem ele tanto considerava, Vinte e sete pode refletir sobre a sua condição de colonizado, dependente e alienado. Em conversa com seu amigo Mateus, chega à triste conclusão que “Em tempo de guerra não se limpa arma”, ou seja, em tempos de total desrespeito à condição do colonizado, não há espaço para lamentações.